

EXPRESSÃO E SENTIDOS NO TRATAMENTO DA APICULTURA POR VARRÃO E VIRGÍLIO

Matheus Trevizam (UFMG)
matheustrevizam2000@yahoo.com.br

1. Introdução

Propomo-nos a seguir, partindo da leitura comparativa de passagens afins das obras agrárias de Varrão reatino (*De Re Rustica*) e Virgílio (*Geórgicas*), apontar, do ponto de vista lexical e estilístico, algumas particularidades da escrita desses contemporâneos nas Letras latinas do séc. I a. C. Em princípio, pode-se grosseiramente dizer que estamos, em ambos os casos, diante de textos afins à vertente técnica da literatura antiga, por isso entendendo todo um *corpus* literário ocupado, entre outras possíveis funções, também de abordar domínios do saber humano com objetivos mais ou menos sistemáticos de sua exposição ao público.¹ Tal postura de veicular ordenadamente informações atinentes aos mais variados ramos do saber produzidos pelas culturas – gramática, retórica, filosofia, agropecuária, caça, pesca, estratégia militar... – não se deixa restringir por modelos genéricos estanques, pois que, no caso das *Geórgicas*, assistimos a semelhantes desenvolvimentos pelo viés da *poesia didática*, enquanto, no *De Re Rustica* III, sob a forma *dialogica*.

Isso significa, então, alguma abertura para divisarmos, apesar da suposta e “imutável” tecnicidade de obras como o *De Re Rustica* e as *Geórgicas* – inclusive no detalhe de se veicularem, em ambas, tópicos miúdos relativos às partes da apicultura –, diferenças constitutivas nos planos do vocabulário e do agenciamento formal dos recursos de linguagem/ estilo, cujas motivações, em última instância, enraízam-se não só nas matrizes genéricas em pauta a cada vez de escrita, mas ainda, fundamentalmente, nas dinâmicas

¹ Cf., sobre a característica de veiculação de conteúdos da poesia didática antiga, as seguintes palavras de Zélia de Almeida Cardoso (2003, p. 102): "Assim sendo, poderia parecer estranha a utilização da poesia para transmitir o saber. Em Roma, contudo – como, de resto, também havia ocorrido na Grécia – foi frequente essa prática".

de recepção de início previstas para um ou outro texto. Desse modo, se é verdade que a dicção dialógica, com frequência utilizada nas letras antigas com vistas à abordagem técnica de assuntos em importantes âmbitos como a filosofia e a retórica, por exemplo, pautou-se amiúde por parâmetros como os da oralidade e de alguma, ou razoável, elaboração da linguagem,² sem, contudo, descuidar do foco principal da informatividade, o mesmo não se pode categoricamente afirmar da assim dita “poesia didática” greco-latina. Nesse último gênero textual, portanto, encontram-se ora o privilégio da face informativa – caso inegável, segundo alguns críticos e o próprio poeta, do acurado poema filosófico identificado com o *De Rerum Natura* –,³ ora de outros níveis semânticos concomitantes, como o da metáfora e o da proposição de intrincados jogos meta-linguísticos para leitores cultos.⁴

2. Análises comparativas

De início, direcionamo-nos para o tratamento do tema da localização da colmeia em Varrão (III XVI 12-17) e Virgílio (IV 18-32). Do ponto de vista lexical, assim, destacamos os apelativos do ninho de abelhas em um e outro autor: no primeiro, pois, recorre-se, internamente ao âmbito doravante circunscrito, às palavras *mellitona*, *mellarium*, *melitrophium*, *aluarium* e *aluus*; mas, no segundo, a *sedes* (v. 8), *statio* (v. 8), *stabulum* (v. 14), *aluarium* (v. 34), *tectum* (v. 38), *lar* (v. 43) e *cubile* (v. 45). Ora, como já observamos em outra ocasião de posicionamento teórico (Cf. TREVIZAM, 2006, p.

² Cf., sobre a literariedade dos diálogos platônicos, especificamente, as seguintes palavras de Bloom (2004, p. 45): *Não tenho competência para avaliar Platão como filósofo, mas seus diálogos, no que têm de melhor, são poemas dramáticos absolutamente singulares, sem par na história da literatura.*

³ Cf. Lucrécio, *De rerum natura* l 930-931: *Primum, quod magnis doceo de rebus, et artis/ religionum animum nodis exsoluere pergo./ deinde, quod obscura de re tam lucida pangol/ carmina, musaeo contingens cuncta lepore.* – “Primeiro, porque ensino sobre grandes coisas, e dos estreitos/ nós das religiões continuo a soltar teu espírito./ depois, porque, sobre assunto obscuro, tão claros versos/ canto, contagiando tudo com o encanto das Musas” (aqui, citado em minha tradução).

⁴ A *Ars amatoria* ovidiana enquadra-se nesta última descrição, pois, nela, além da camada superficial dos supostos ensinamentos galantes, veem-se desenvolvimentos relacionados ao questionamento da poética elegíaca “ortodoxa” (TREVIZAM, 2003, p. 109 ss).

259ss), as expressões varronianas sem dúvida pendem para o campo de uma distinta tecnicidade: em três delas, de fato, notam-se raízes gregas ou latinas (*mel-*) evocativas do principal produto sintetizado por esses animais. Por outro lado, enquanto *aluarium*, dicionarizado com o sentido inicial de “ninho de abelhas”, também se enquadra nesta definição de recorrência a itens lexicais diretamente oriundos de uma zona do vocabulário técnico em latim, o mesmo não se pode dizer de *aluum*, pois, com seus originais significados de “entranhas” ou “intestinos”, furta-se a esse cerrado limite.

Virgílio, segundo vimos, além de por *aluarium*, referiu-se ao mesmo objeto da vida agrícola por *sedes* (“assento”, “morada”...), *statio* (“local de parada”, “posto”, “acampamento”...), *stabulum* (“morada”, “hospedaria”, “estábulo”...), *tectum* (“teto”, “casa”, “covil”...) e *cubile* (“leito”, “quarto de dormir”, “toca”...), em preferencial recorrência a vocabulário de emprego muito vasto no idioma. Em outras palavras, se, com dizer *aluarium*, por força remetêríamos o ouvinte ao universo dos antigos apicultores romanos, o mesmo não se dá com os imprecisos *tectum*, *cubile*, *stabulum* e, sobretudo, *sedes* e *statio*, termos, nos dois últimos casos, sequer capazes de garantir-nos sempre a vinculação com a ideia de um “abrigo” contextualmente identificável, por vezes, com o espaço de recolhimento das abelhas.

Aqui preferimos, apesar da aparente “desvantagem” de Virgílio no quesito da acuidade técnica, compreender o direcionamento dado por um e outro autor ao plano lexical da apicultura em conjunto com sua inserção nos âmbitos genérico e receptivo dos textos. Ora, em princípio corresponde à poesia, nos termos de Jakobson (1969, p. 118-162), evidenciar a mensagem/ *modus dicendi*, não, necessariamente, meros conteúdos. Assim, o fato de muitas das expressões designativas da “morada” das abelhas poderem estender-se também para a menção a outros animais ou ao homem apontando para uma espécie de afrouxamento poético de barreiras entre todos os domínios da vida numa obra como as *Geórgicas*, em que, a saber, videiras novas necessitam, à maneira de jovens humanos, serem “educadas” pelo agricultor (Cf. VIRGILE, II, 362-370); homens e animais, ao longo do livro III, condoem-se dos mesmos males do amor e da peste; indivíduos de certas sociedades, conforme

adiante veremos, manifestam profunda reverência por seus reis... semelhantemente às abelhas (Cf. VIRGILE, IV, 210-218). Com isso desejamos apontar, num poema didático no qual a tecnicidade agrícola, embora não ausente, presta-se com frequência a pano de fundo para a derivação de sentidos num nível que se poderia dizer “metafórico”, as prováveis e justificadas motivações do poeta em fazer-se, sensivelmente, mais generalizante.

Nesse mesmo aspecto de conformação estrutural da obra e dos objetivos de escrita, Varrão, por sua vez, mostra-se, como bom praticante do dialogismo no sentido genérico do termo, eficaz e, até certo ponto, preciso comunicador de saberes atinentes ao domínio agrário romano (Cf. SKYDSGAARD, 1968, p. 90). Por sinal, as situações interativas ficcionais a envolverem as personagens de seus diálogos rústicos correspondem, inalteradamente, a encontros informais para que se exponham, segundo o desejo e os conhecimentos mesmos de cada interlocutor, as sucessivas partes de muitas práticas agrícolas. Assim, parece-nos claro que, diante de personagens desejando, inclusive, aprender para pôr em prática com eficácia, mostrar-se direto e claro na apresentação de conteúdos corresponde a uma importante finalidade dos três diálogos agrários de Varrão reunidos sob a rubrica do *De Re Rustica*:

Mas, devido ao luxo”, disse ele, “de certo modo há um festim diário dentro dos portões de Roma. Acaso ainda L. Abúcio, homem, como sabeis, grandemente douto, cujos livros são à maneira dos de Lucílio, não dizia que sua propriedade no território de Alba sempre era superada nas criações pela casa de campo? O campo, com efeito, rendia menos de dez mil sestércios, mas a casa de campo mais de vinte. Ele mesmo que, se tivesse adquirido uma casa de campo junto ao mar, onde o desejasse, haveria de receber mais de cem mil sestércios dessa casa de campo. Pois bem! M. Catão, há pouco, quando recebeu a tutela de Luculo, não vendeu os peixes de seus tanques por quarenta mil sestércios?” Áxio disse: “Meu Mérula, recebe-me, por favor, como aluno da criação na casa de campo.”⁵

⁵ Cf. Varrão, *De Re Rustica* III II 18: *Sed propter luxuriam, inquit, quodam modo epulum cotidianum est intra ianuas Romae. Nonne item L. Abuccius, homo, ut scitis, apprime doctus, cuius Luciliano caractere sunt libelli, dicebat in Albano fundum suum pastionibus semper uinci a uilla? Agrum enim minus decem millia reddere, uillam plus uicena. Idem secundum mare, quo loco uellet, si parasset uillam, se supra centum millia e uilla recepturum. Age, non M. Cato nuper, cum Luculli accepit tutelam, e piscinis eius quadraginta millibus sestertiis uenditit*

Um pormenor, por outro lado, para que atentou Cesidio de Meo (1986, p. 50ss) ao descrever os traços da linguagem técnica agrícola em Roma também pode auxiliar-nos a avançar um pouco na compreensão das escolhas lexicais de Varrão e Virgílio teóricos da apicultura. Trata-se da incorporação de helenismos, que não se restringe, como observa, a um universo experiencial como o da agropecuária antiga, mas “invade”, por assim dizer, muitos domínios do saber nos quais os gregos, tantas vezes adotados em Roma como modelos e referenciais teóricos, fizeram sentir as marcas da própria cultura. Notamos, com efeito, que, nas passagens citadas, eles são mais visíveis em Varrão [haja vista, por exemplo, os nomes *mellitona* e *melitrophium*, em cuja composição adentram, além da raiz grega para “mel/ abelha” – *méli-* –, aquela, no segundo caso, para “nutrição” – *tropheion* –, *serpyllon* (*hérpyllon* – “serpão”), *cytisum* (*kýtisos* – “codesso”) e *cyperum* (*kýpeiron* – “junco”)] e, bem menos, em Virgílio [além de *Eurus* – *Eûros*, vento do leste, v. 29 –, unicamente se apresentam, nos versos citados, *serpylla*, plural neutro do supracitado *serpyllon* varroniano – v. 31 –, e *thymbrae* – v. 31 –, “segurelha”].

Se tivéssemos de ensaiar alguma interpretação para estes dados, primeiramente lembraríamos que a língua poética romana, como bem notou Kroll (1988, p. 6 ss), foi, na verdade, bastante permeável ao influxo linguístico grego, em níveis estruturais tão variados quanto, além do léxico, os da morfologia e, mesmo, da sintaxe; não seria obviamente correto, assim, restringir os helenismos de qualquer espécie a uma “exceção” das linguagens técnicas em Roma.

Contudo, os motivos de sua entrada na dicção poética latina correspondem, em geral, a outros distintos daqueles a lhes justificarem a presença num prosador técnico como Varrão: pautados pela necessidade de se fazerem mais refinados do que os usuários do latim vinculados à simples linguagem de uso do dia-a-dia, os poetas, muitas vezes, tiveram em recursos como os estrangeirismos e os arcaísmos uma via possível de acessar planos linguísticos nobres (Cf. KROLL, 1988, p. 6-24). Por sua vez, a incorporação de vocabulário

piscis? Axis, Merula mi, inquit, recipe me quaeso discipulum uillaticae pastionis (aqui, citado em minha tradução).

estrangeiro oriundo de um domínio técnico qualquer – filosofia, retórica, agricultura, medicina... – para o corpo de obras antes de tudo pautadas pelo princípio-mestre da tecnicidade expositiva parecidos, sobretudo, manter nexos com a necessidade de fazer-se preciso: como dar-se a entender inequivocamente, ao introduzir novos saberes em determinado ambiente que não dispunha deles no mesmo grau (ou na mesma maneira) de desenvolvimento, à revelia da entrada de conceitos, tantas vezes, a exigirem a segura “ancoragem” em vocábulos do primitivo idioma de veiculação cultural? Dois nomes do ninho de abelhas que dissemos acima utilizados por Varrão – *mellitona* e *melitrophium* –, parecem-nos corresponder a tais direcionamentos de “preservação de sentidos”, na medida em que, aludindo ele a objetos fundamentais ao trato das abelhas por nomes de imediato evocativos dos primitivos vocábulos gregos, o autor, que sabemos amiúde ter derivado saberes técnicos mesmo de Aristóteles e Teofrasto, entre outros, faz-se inequívoco intérprete do alheio (Cf. HEURGON, 2003, p. XXVI ss).

Os trechos seguintes que tomamos de Varrão (III XVI 8-9) e Virgílio (IV 67-87) para análise correspondem aos que se poderiam dizer correspondentes à “batalha das abelhas”. De início, assim, em Virgílio, fazemos atentar para o caráter obviamente *épico* desta passagem: trata-se afinal de apresentar, no tradicional metro da poesia heroica antiga – hexâmetros datílicos –, um episódio de enfrentamento entre diferentes “exércitos” liderados por diferentes “reis”. Para o leitor um pouco familiarizado com a literatura clássica, tal descrição sumária corresponde exatamente ao que assistimos nas obras de dois de seus maiores expoentes, Homero, que retratou de maneira fundadora na *Ilíada* a sangrenta guerra entre os gregos, liderados por Agamêmnon, e os troianos, liderados por Heitor, e Virgílio, o qual, na segunda parte da *Eneida* (cantos VII-XII), mostra-nos com vivacidade as lutas entre o príncipe Eneias e os itálicos de Turno.

Várias expressões virgilianas da passagem, num nível mais miúdo de leitura, correspondem, ainda, ao imaginário da *épica* antiga: chamamos a atenção, especificamente, para *trepidantia corda* – “palpitantes corações”, v. 69-70; *Martius ille canor* – “aquele som marcial”, v. 71; *sonitus tubarum* – “barulhos das tubas”, v. 72; *ipsa*

ad praetoria – “junto aos acampamentos mesmos”, v. 75; *magnisque clamoribus* – “e com grandes gritos”, v. 76; *aethere in alto* – “no alto éter”, v. 78; *non densior aëre grando, / nec de concussa tantum pluit illice glandis* – “não mais basto do céu o granizo, / nem de uma azinheira batida chove tanta glande”, v. 80-81; *per medias acies* – “pelo meio dos exércitos”, v. 82; *dare terga* – “dar as costas” (em fuga), v. 85. Acreditamos em que a recorrência a semelhante vocabulário contribui em si para dar realce estilístico ao trecho em pauta: afinal, trata-se de ressonâncias de um nível expressivo e poético mais sublime (o da poesia heroica, não didática!) que não se restringem à coincidência métrica, ao vago uso do mesmo tema guerreiro, ao tom movimentado advindo da própria situação de peleja, mas, fundamentalmente, trazem à tona, de maneira impressiva, evidentes reminiscências do mundo em “maior escala” característico de produções como as que assinalamos acima para Homero e, na imediata sequência cronológica de escrita das *Geórgicas*, para Virgílio mesmo.

Dentre tais expressões, o recurso a um *Martius canor* e a *aether/aër*, por “céu”, parecem-nos corresponder às três mais importantes contribuições para o efeito nobilitador que aqui desejamos destacar. De fato, enquanto, nos demais casos, sobretudo o contexto e sua ocorrência conjunta parecem produzir sentidos inequivocamente dispersores da banalidade, o adjetivo *Martius*, decerto vinculado ao deus Marte (*Mars*), e as denominações helenizantes “éter”/ “ar” para designar o firmamento revestem-se, mesmo que tomados em si, de inegável aura de nobreza. Bastando-nos o que se disse a respeito de *Martius*, *aether* e *aër*, por outro lado, enquadram-se em certa listagem proposta por Leumann, quando explica a seletividade do léxico poético romano (Cf. LEUMANN, 1988, p. 176):

No âmbito dos substantivos, o fenômeno mais patente é o emprego de termos substitutivos dos nomes “específicos”, os *kýria onómata*. Alguns exemplos bastarão. Para *dei*: *diui*, *caelestes*, *caelites*, *caelicolae*, *superi*; para *pater*: *parens*, *genitor*, *sator*; para *mater*: *genetrix*, *creatrix*; para *filius*: *gnatus*, *illo satus*, *generatus*, *quo sanguine creatus*, *proles*; para *caelum*: *aether*, *aër*, *aethra*.

Por outro lado, outros recursos contribuem para atribuir ao texto Virgiliano dessa passagem “bélica” o vigor épico que lhe cabe: destacamos, assim, o acúmulo de verbos de ação [*exierint* – “ti-

verem saído”, v. 67/ *increpat* – “excita”/ *coeunt* – “juntam-se”, v. 73/ *exacuunt* – “afiam”, v. 74/ *aptant* – “preparam”, v. 74/ *miscen-tur* – “misturam-se”, v. 76/ *uocant* – “chamam”, v. 76/ *erumpunt* – “irrompem”, v. 77/ *concurritur* – “avança-se contra”, v. 78/ *glomerantur* – “enovelam-se”, v. 79/ *cadunt* – “caem”, v. 80/ *pluit* – “chove”, v. 81/ *uersant* – “revolvem”, v. 83/ *dare (terga)* – “dar as costas”, v. 85] e a sequenciação corrida em duas grandes partes interligadas (v. 67-76/ 77-85), nas quais o fluxo contínuo dos eventos se faz, além de pela farta recorrência a *et* e *-que* aditivos, ainda pela eventual presença de outras partículas coesivas (*nam* – “com efeito”, v. 67/ *tum* – “então”, v. 73/ *ergo* – “logo”, v. 77). Sintomaticamente, a impressão de movimento e, mesmo, grandeza cessa na leitura desses versos ao depararmos o par 86-87, em que, segundo a observação dos críticos (Cf. TREVIZAM, 2005, p. 190-191), reconduzem-se os insetos a seu posto diminuto no Universo:

*hi motus animorum atque haec certamina tanta
puluervis exigui iactu compressa quiescunt.*

estes movimentos do espírito e estes tamanhos combates
com um jato de pó escasso aquietam reprimidos (minha tradução).

Isso nos permite, como desejam alguns estudiosos,⁶ ver em todo o episódio da “batalha das abelhas” efeitos de ridicularização parodística dos insetos, como se, na verdade, a grandeza de tom expressa nos versos imediatamente anteriores a esse desfecho inesperado viesse revelar-se irônica e, de fato, insustentável...

A passagem que assim também denominamos em Varrão, em parte por alguma comodidade analítica – pois não se trata, a rigor, de uma parte da obra do escritor técnico tão coesa ou óbvia quanto a virgiliana, apresenta distintas diferenças quando comparada:

*Regem suum secuntur, quocumque it, et fessum subleuant, et si
nequit uolare, succollant, quod eum seruare uolunt. Neque ipsae sunt
inicientes nec non oderunt inertes. Itaque insectantes ab se eiciunt fu-
cos, quod hi neque adiuuant et mel consumunt, quos uocificantes plu-
res persecuntur etiam paucae. Extra ostium alui opturant omnia, qua*

⁶ Cf. Dalzell (1996, p. 119): *The picture of the tiny bees, described with all the earnestness of an ethnographic treatise, must surely be intended to raise a smile. The description of the battle of bees is the most obvious case of mock-heroic intent.*

*uenit inter fauos spiritus, quam erithacen appellant Graeci. Omnes ut in exercitu uiuum atque alternis dormiunt et opus faciunt pariter et ut colonias mittunt, iique duces conficiunt quaedam ad uocem ut imitatio-
ne tubae. Tum id faciunt, cum inter se signa pacis ac belli habeant.*⁷

Seguem seu rei para onde quer que vá; cansado, auxiliam; se não pode voar, carregam nas costas, porque desejam salvá-lo. Nem elas mesmas são ociosas nem não odeiam os inertes. E assim, expulsam de junto delas os zangões perseguindo, porque não ajudam e consomem mel; fazendo eles muito barulho, mesmo poucas, perseguem grande número deles. Fora da entrada da colmeia selam tudo, por onde vem o ar que permeia os favos, com um material chamado *erithace* pelos gregos. Todas vivem como no exército, dormem e trabalham alternadamente, do mesmo modo, também enviam como que colônias, e seus chefes dão certas ordens com a voz como se imitassem uma trombeta. Agem assim quando têm sinais de paz e de guerra entre si.

Consideramos, dessa maneira, a frase *extra ostium a appellans* *Graeci* uma interpolação que pouco tem a ver com a belicosidade, ou, ao menos, com a combatividade das abelhas varronianas. Contudo, quando se fala, no início, de uma fidelidade incondicional aos “reis” da colmeia – algo que nos recorda de pronto o espírito hierárquico de adesão de suas correlatas em Virgílio – e da expulsão dos zangões barulhentos e inertes, além, em seguida, da vida “militar” dos insetos, em que não faltam turnos de vigília, “colônias”, ordens de chefes e até “trombetas”, aproximamo-nos inequivocamente do mesmo plano da experiência tratado naquele poema didático.

A intermediação do sóbrio interlocutor varroniano, porém (*Appius*), faz com que esta passagem assumam sentidos, antes de mais nada, descritivos: não se trata de apresentar uma cena com vivacidade e a recorrência a concretos efeitos imagéticos e, até, sonoros,⁸ mas, sobretudo, de relatar de forma apenas direta o comportamento dos insetos em situações de desavença. Linguisticamente, em concordância com um subentendido sujeito identificável como *apes* (“abelhas”), surgem quase sempre, com monotonia, verbos conjugados na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, perfazendo a série de atividades caracterizadoras, na fala de Ápio,

⁷ Cf. Varrão, *De re rustica* III XVI 8-9 (aqui, citado em minha tradução).

⁸ Cf., no v. 72 de Virgílio (*et uox/ auditor fractos sonitus imitata tubarum* – “e uma voz/ é ouvida à imitação dos barulhos retumbantes de uma tuba” – minha tradução), a marcada aliteração em “t”, como que a mimetizar o toque marcial de uma trombeta.

da disciplina e industriiosidade das abelhas. Algo assim, por outro lado, não ocorria na dinâmica dicção de Virgílio, dada a própria mudança dos sujeitos associáveis a cada verbo conjugado de emprego, alguma alternância entre a voz passiva e a ativa e, mesmo, no emprego dos tempos...⁹ Do ponto de vista lexical, da mesma forma que em Virgílio, surgem obviamente expressões evocativas do âmbito humano da guerra – *regem, ut in exercitu, ut colonias, duces, ut imitatione tubae, signa pacis et belli...* –, mas destacamos, aqui, a diferenciação de planos operada pelo escritor técnico ao deixar claro, por três vezes (“como no exército”/ “como que colônias”/ “como se imitassem uma trombeta”), que compara, não *identifica*, práticas animais com *culturais*; ainda, a menção em grego ao *erithace*, um dos produtos das abelhas com o mel e o própolis, retoma o viés precisamente técnico do léxico varroniano, tal como antes o vimos.

Isso posto, encontramos-nos em condições de divisar, com base nos exemplos tratados, algo do desenho lexical e estilístico das obras agrárias de Varrão e Virgílio. No primeiro, assim, parecemos sobressair, em cumprimento da vocação dialógica e informativa do diálogo, uma maior precisão técnica e a linearidade comunicativa; no segundo, por sua vez, tendo o autor optado por fazer poesia didática “metafórica”, ou seja, não de todo centrada em seus conteúdos ostensivos, destaca-se a beleza de construção do todo, em detrimento, muitas vezes, da mera face expositiva de saberes técnicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOOM, H. *Onde encontrar a sabedoria?* Tradução de J. R. O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

CARDOSO, Z. A. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁹ Assim, *exierint* (v. 67) pressupõe como sujeito um subentendido *apes*, bem como *exacuunt* (v. 74) e *aptant* (v. 74), entre outros verbos; *miscuntur* (v. 76) e *glomerantur* (v. 79) também, mas, nestes casos, com a introdução variada da voz passiva; *pluit* (v. 81) e *subegit* (v. 85), por sua vez, têm como respectivos sujeitos *tantum glandis* (v. 81) e *gravis uictor* (v. 84-85).

CATO; VARRO. *On agriculture*. Translated by W. D. Hooper, revised by H. B. Ash. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 2006.

DALZELL, A. *The criticism of didactic poetry*. Toronto/Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996.

GRIMAL, P. *A civilização romana*. Tradução de Isabel St. Aubyn. Lisboa: Edições 70, 2009.

HEURGON, J. Introduction. In: VARRON. *Économie rurale*. Texte établi, traduit et commenté par J. Heurgon. Paris: Les Belles Lettres, 2003. Livre I, p. VII-LXXV.

JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: JAKOBSON, R. (org.). *Linguística e comunicação*. Tradução de A. Chelini *et alii*. São Paulo: Cultrix, 1969, p. 118-162.

KROLL, W. La lingua poetica romana. In: LUNELLI, A. (org.). *La lingua poetica latina*. Bologna: Pàtron, 1988, p. 1-66.

LEUMANN, M. La lingua poetica latina. In: LUNELLI, A. (org.). *La lingua poetica latina*. Bologna: Pàtron, 1988, p. 131-178.

LUCRÈCE. *De la nature*. Traduction nouvelle par H. Clouard. Paris: Garnier Frères, 19...

MEO, C. La lingua dell'agricoltura. In: de MEO, C. de. (Org.). *Lingua tecnica del latino*. Bologna: Pàtron, 1986, p. 32-58.

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.

SKYDSGAARD, J. E. *Varro the scholar: studies in the first book of Varro's "De re rustica"*. Copenhagen: Einar Munksgaard, 1968.

TREVIZAM, M. *A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da "Ars amatoria" de Ovídio*. Dissertação inédita submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística do IEL-UNICAMP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística/Letras Clássicas. Campinas: UNICAMP, 2003.

_____. Heterogeneidade enunciativa e discursiva nas “Geórgicas” de Virgílio. In: BARBOSA, M. V.; FONTANA, M. G. Z. (orgs.). *Caderno de qualificações*. Campinas: IEL-UNICAMP, 2005, p. 185-198.

_____. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. Tese de Doutorado em Linguística/Letras Clássicas. Campinas: UNICAMP, 2006.

VARRON. *Économie rurale*. Texte établi, traduit et commenté par J. Heurgon. Paris: Les Belles Lettres, 2003. Livre I.

_____. *Économie rurale*. Texte établi, traduit et commenté par C. Guiraud. Paris: Les Belles Lettres, 1997. Livre III.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.